



DO TEMPO DAS CACHOEIRAS AO RIO AFOGADO: UMA HISTÓRIA AMBIENTAL DO TOCANTINS

Maria de Fátima Oliveira*
Universidade Estadual de Goiás - UEG
proffatima@hotmail.com

RESUMO: *Do Tempo das Cachoeiras ao Rio Afogado*¹: uma História ambiental do Tocantins² trata-se de uma reflexão sobre as transformações que vêm ocorrendo no Rio Tocantins, sob o enfoque da História ambiental. Em linhas gerais, buscou-se reunir e analisar documentos que descrevem a natureza, os usos que se faz desse rio e o modo de vida das populações ribeirinhas, em contraste com as transformações que estão afetando o meio ambiente, causando sérios impactos na região nas últimas décadas. A investigação se pauta no estudo de diferentes fontes históricas como relatórios técnicos, relatos de viajantes, diários de viagens, correspondências, artigos de periódicos, fotografias e vídeos. Portanto, este texto visa discorrer sobre o importante papel que os rios do Cerrado desempenharam como caminhos fluviais no processo de conquista e ocupação do interior do Brasil e a atual forma de aproveitamento de seu potencial energético com a construção de barragens.

PALAVRAS-CHAVE: Rio Tocantins - História Ambiental - Populações Ribeirinhas - Cerrado.

FROM THE WATERFALLS TIME TO THE DROWNED RIVER: NA ENVIRONMENTAL HISTORY OF THE TOCANTINS

ABSTRACT: *From the Waterfalls Time to the Drowned River: An Environmental History of the Tocantins* is a discussion about the transformations which have been taking place in Tocantins river, seen through the environmental history perspective. Generally speaking, the aim was to gather and analyze documents which describe the nature and uses of this river, the economy, the daily life of riverside communities, in contrast to the transformations that are affecting the environment in recent decades on the banks of this river. Therefore, this article aims to discuss the important role that the rivers of the Cerrado have played as waterways in the process of conquest and occupation of the interior of Brazil and the current form of exploitation of its energy potential, especially with the construction of dams, causing

* Doutora em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Docente na Universidade Estadual de Goiás (UEG) no Curso de Licenciatura em História e no Programa de Mestrado Interdisciplinar Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (TECCER). Bolsista Produtividade do Programa de Bolsa de Incentivo ao Pesquisador (PROBIP/UEG).

¹ A expressão *Rio Afogado* é utilizada no sentido de reforçar simbolicamente o que acontece com o rio após a construção de uma barragem. Ao cortar o curso natural de suas águas, são inundadas as margens e muitas vezes, também os povoados ribeirinhos.

² Este artigo é resultado parcial do Projeto de Pesquisa *Caminhos Fluviais do Cerrado: imagens dos rios do Século XVIII ao XXI*, em desenvolvimento na UEG.

serious environmental impacts due to human interference. The research focuses primarily on the Tocantins River and is based on the study of different historical sources such as technical reports, travelers' reports, trip logs, mailing, journal articles, photos and videos that depict the devastating intervention in this environment.

KEYWORDS: Tocantins River - Environmental History - Riverside Populations - Cerrado

INTRODUÇÃO

Desde o início da colonização do Brasil os rios funcionaram como caminhos naturais para o conhecimento do interior. Utilizados para a penetração do território, contribuíram de forma significativa para a expansão da fronteira, servindo-se deles tanto os religiosos quanto os bandeirantes. Estes, na procura por metais preciosos e na busca de povos indígenas para serem subjugados como mão de obra, e aqueles, visando principalmente a sua catequese. Apesar dos rios serem utilizados como *caminhos* desde o período colonial, pode-se dizer que somente a partir do século XX é que se efetivam ações concretas voltadas para o seu aproveitamento sistemático, com a construção de barragens, eclusas e projetos de irrigação. Antes disso, houve apenas algumas políticas de incentivo e iniciativas isoladas visando à melhoria da navegação e o incentivo ao povoamento das suas margens.

Pesquisar sobre o processo histórico e as inúmeras transformações que estão ocorrendo nos rios, e conseqüentemente nas cidades às suas margens, é um modo de contribuir com o debate sobre questões antigas e atuais no que se refere à função, utilização e costumes centenários da vasta região do rio Tocantins. Este tema inquieta profissionais das mais variadas áreas do conhecimento, como historiadores, antropólogos, geógrafos, urbanistas, ecologistas, biólogos, botânicos e diversas entidades preocupadas com os impactos dessas transformações para o meio ambiente e para as populações ribeirinhas. As discussões que envolvem os problemas ambientais atualmente são constantes nos meios de comunicação, principalmente entre parlamentares e ambientalistas, mas estudos sistematizados voltados para as questões ambientais resultantes da interferência antrópica na natureza ainda carecem de mais atenção, incentivos e divulgação.

De modo bastante geral, podemos destacar alguns historiadores como Holanda³, Arruda⁴, Leonardi⁵, Tocantins⁶, Doles⁷, Brasil⁸ e Oliveira⁹ que têm se dedicado ao estudo de diversos rios brasileiros. Sua leitura possibilita uma compreensão geral sobre as abordagens e metodologias adotadas, bem como as conclusões a que chegaram. Podemos constatar que, se nos séculos passados a preocupação maior era a de como tornar estes rios navegáveis, visando sua utilização como meio de transporte fluvial, hoje, outros problemas se impõem, inclusive os de natureza ambiental, pois, como afirma Fernand Braudel, “A história nada mais é do que uma constante indagação dos tempos passados em nome dos problemas e curiosidades – ou mesmo das inquietações e das angústias – do tempo presente que nos cerca e assedia”¹⁰.

Se por um lado o rio Tocantins desempenhou importante papel como caminho fluvial no processo de conquista e ocupação do interior do Brasil ao longo dos séculos, por outro lado as pesquisas e estudos sobre ele ainda são acanhadas, principalmente se considerada a sua importância econômica, política, cultural e ambiental. Portanto, esse estudo se pauta na análise dos vestígios deixados em forma de relatórios, diários de viagens, notícias em jornais e revistas, correspondências, iconografia e vídeos - dos rios e populações ribeirinhas - para que, por meio deste corpus documental se perceba as práticas culturais locais, a economia, o patrimônio cultural e os impactos ambientais decorrentes da interferência humana no meio ambiente, principalmente com a construção de barragens, neste espaço de memória.

³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Monções**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

⁴ ARRUDA, Gilmar. Descendo o rio: alguns apontamentos para uma história ambiental do rio Tibagi – PR. In: Franco, J. L. de A. et al (Org.). **História Ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

⁵ LEONARDI, Victor Paes de Barros. **Os Historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia Brasileira**. Paralelo 15, 1999.

⁶ TOCANTINS, Leandro. **O Rio Comanda a Vida: uma interpretação da Amazônia**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1973.

⁷ DOLES, Dalísia E. Martins. **As Comunicações Fluviais pelo Tocantins e Araguaia no Século XIX**. Goiânia: Oriente, 1973.

⁸ BRASIL, Vanessa M. O Rio São Francisco: A Base Física da Unidade Nacional do Império. In: **Revista Mosaico**. Goiânia: PUC, V. 1. N. 2, p. 133-142, jul/dez. 2008.

⁹ OLIVEIRA, Maria de Fátima. **Portos do Sertão: Cidades ribeirinhas do Rio Tocantins**. Goiânia: Ed. PUC, 2010.

¹⁰ BRAUDEL, Fernand. **O Espaço e a História no Mediterrâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 1.

A abordagem da História Ambiental, cujo “objetivo principal se tornou aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados”¹¹, contribui para a análise e compreensão desse *lugar de memória*¹² que vem sendo afetado por bruscas transformações decorrentes de grandes investimentos para atender demandas econômicas.

O TEMPO DAS CACHOEIRAS: UM SÓ RIO, MUITAS MEMÓRIAS

Os rios que cortam a grande região do Cerrado brasileiro ainda carecem de um estudo aprofundado no que diz respeito à sua importância enquanto via de comunicação, seu papel na conquista e fixação de populações em suas margens e principalmente sobre os impactos causados à natureza e aos povos ribeirinhos devido às intervenções realizadas por meio de grandes projetos nas últimas décadas. O rio Tocantins tem suas nascentes no Planalto Central.



O rio Tocantins começa nas imediações do quadrilátero Cruls (porção setentrional do Distrito Federal), a mais de 1.000 metros de altitude, resgatando a sua total identidade a partir da confluência do Rio Paranaíba com o rio Maranhão.¹³

¹¹ WORSTER, Donald. Para Fazer História Ambiental. In: **Revista Estudos Históricos**, Vol. 4, N.8, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1991, p. 200.

¹² A expressão lugar de memória é utilizada na perspectiva de Pierre Nora, em seu texto Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, São Paulo: Ed. da PUC, 1981.

¹³ GOMES, Horiestes; TEIXEIRA NETO, Antônio. **Geografia Goiás Tocantins**. Goiânia: UFG, 1993, p. 113.



Figura 01: Barqueiros enfrentando corredeiras no Rio Tocantins (1911-1912).Fonte: Thielen et all. (1991).

Este rio corta o país no sentido sul-norte e, na divisa dos Estados do Tocantins e Pará (local conhecido por Bico do Papagaio) recebe as águas de seu maior afluente, o rio Araguaia. A partir das cidades de Filadélfia (TO) e Carolina (MA), divide os Estados do Tocantins e Maranhão e corta, em seguida, o Estado do Pará, chegando à sua foz. Constitui-se de três trechos distintos: o Alto Tocantins, que vai das nascentes até a cachoeira do Lajeado, medindo 1.050 km; o Médio Tocantins, da cachoeira do Lajeado à antiga cachoeira de Itaboca, com 980 km; e o Baixo Tocantins, de Itaboca até a foz, com aproximadamente 370 km.

O Rio Tocantins pode ser visto tanto como um espaço geográfico quanto simbólico que foi e continua sendo de suma importância na história, economia e política do país. Assim, além de ser um lugar de riquezas naturais e via de comunicação, o rio é definido pela geógrafa Sandra Baptista da Cunha como

...um amplo corpo de água em movimento, confinado em um canal, e o termo é usado geralmente para indicar o principal tronco do sistema de drenagem. Suas margens têm sido o centro preferido da habitação

humana, e o suprimento de suas águas não só fertiliza os campos para o cultivo, como também fornece energia e permite a recreação.¹⁴

O rio Tocantins é também um lugar de convivências no qual se constrói memórias e identidades, como bem mostra o estudioso do meio social e geográfico da região amazônica, Leandro Tocantins.

O rio enchendo a vida do homem de motivações psicológicas, o rio imprimindo à sociedade rumos e tendências, criando tipos característicos na vida regional. [...] As ocorrências da vida de cada um estão ligadas ao rio e não a terra [...] O rio, sempre o rio, unido ao homem, em associação quase mística [...].¹⁵

Foram muitas as bandeiras que visitaram a região central do Brasil desde o século XVI, via rios Tocantins e Araguaia. Pode-se dizer que até o século XVIII os objetivos foram quase que exclusivamente para o conhecimento do interior, expansão do território, aprisionamento e *descidas* de índios. Capistrano de Abreu ao descrever as entradas e bandeiras, ressalta o importante papel dos rios não só como fonte de alimentação e de vida, mas também como fator decisivo na penetração e no povoamento do interior do Brasil. Para ele, as bandeiras deveriam ser classificadas não pelo ponto de partida, “mas pelos rios que margearam ou navegaram”.¹⁶

Embora o Alto Tocantins fosse conhecido e navegado por bandeirantes e jesuítas desde o século XVI, a ocupação de suas margens por povos não indígenas só aconteceu a partir do século XVIII, em decorrência do descobrimento do ouro na região do antigo norte de Goiás. Com a descoberta de metais preciosos, os conflitos entre colonizadores – na tentativa de *desinfestar* a área – e povos indígenas se intensificaram, sendo comuns os ataques tanto por parte dos índios quanto dos colonizadores. Se até o século XVIII, a conquista do cerrado goiano e tocantinense se deu do litoral para o interior, ou seja, sertão adentro, na fase seguinte (século XIX), quando acontece o esgotamento da mineração e o conseqüente desenvolvimento de outras atividades na região central do Império, faz-se necessário buscar uma saída *sertão afora*, por meio de tentativas de melhorias da navegação desses rios, visando estabelecer o comércio com o

¹⁴ CUNHA, Sandra B. Canais Fluviais e a Questão Ambiental. In: CUNHA, S.B; GUERRA, A.J. T.(Org.). **A Questão Ambiental: diferentes abordagens**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p. 219.

¹⁵ TOCANTINS, Leandro. **O Rio Comanda a Vida: uma interpretação da Amazônia**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1973, p. 280.

¹⁶ ABREU, Capistrano de. **O Descobrimento do Brasil**. Brasília: UNB, 1982, p. 106.

litoral. Mas os projetos e investimentos para um melhor aproveitamento dos rios brasileiros aconteceu de forma bem distinta e tardia, se comparada, por exemplo, com a Europa.

No final do século XIX, quase todos os grandes rios da Europa tinham sido canalizados e retificados. A regularização, construção de diques, eliminação de meandros e ilhas e outras obras de engenharia foram desenvolvidas para fins diversos, como a navegação, a agricultura, defesa contra cheias e saúde pública.¹⁷

Os documentos sobre esses rios e as populações das suas margens são significativos em quantidade e qualidade em diversas áreas do conhecimento. São fontes que abordam aspectos históricos, geográficos, geológicos, botânicos, econômicos dentre outros, e esse acervo reunido fornece um conhecimento sistematizado e consistente que pode contribuir para estudos preliminares antes de intervenções neste espaço. Para uma análise mais completa, e no âmbito da História Ambiental, o diálogo com outras disciplinas é fundamental na produção de um conhecimento interdisciplinar sobre a relação do homem com a natureza neste espaço específico.

Outro ponto a ser ressaltado é o descaso com as expressões culturais da região ribeirinha em constante e rápida transformação, resultante da implantação de projetos voltados para o aproveitamento dos rios para a produção de energia e irrigação. Interpretar as diferentes imagens e discursos deixados ao longo do tempo sobre o rio é contribuir para que esta memória não se perca “afogada” nas águas do Tocantins. O tempo das cachoeiras do rio Tocantins, ou seja, o período anterior à construção das diversas barragens para fins energéticos é marcado por muitas memórias, tanto de funcionários do governo quanto de viajantes estrangeiros e também de moradores das margens deste rio. Além dos livros de memórias e dos relatórios técnicos, temos também artigos de jornais e revistas dessa época em que transcorria um tempo lento, com predomínio da morosidade das viagens devido principalmente aos obstáculos naturais que eram enfrentados pelos viajantes. Apesar das dificuldades da incipiente navegação, as cidades ribeirinhas recebiam a população mais interiorana que trazia suas mercadorias em tropas para ser transportadas para o litoral, tornando a vida comercial e social desses portos do sertão muito animada devido a esse constante trânsito de pessoas

¹⁷ SARAIVA, Maria Graça. **O Rio como Paisagem**: gestão de corredores fluviais no quadro do ordenamento do território. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, p. 72.

e mercadorias. Segundo Manoel Buarque, para empreender estas viagens, três coisas eram necessárias: coragem, paciência e resignação. E o autor acrescenta que

Para navegação tão primitiva de nada valem os grandes e importantes aparelhos náuticos descobertos pela inteligência humana: aqui só se precisa da força bruta dos barqueiros. Esses homens vivem e morrem como verdadeiros animais de carga.¹⁸

Os barcos partiam das cidades localizadas nas margens do rio Tocantins, do interior do país para o litoral, carregados com todo tipo de produtos da região e traziam as novidades do litoral.

Cada ano, pelo mês das chuvas, ou seja, em março, carregam seus barcos e afrontando as temíveis cachoeiras e as corredeiras, de que o Tocantins está cheio, toca-se para o Pará a vender seus produtos. De lá trazem sal, tecidos, ferramentas, mercadorias de toda espécie. Não gastam menos de seis meses nessa viagem, e o transatlântico que empreendesse a volta ao mundo chegaria mais depressa ao ponto de partida que o bote fazendo viagem de ida e volta ao Pará, com o seu carregamento.¹⁹



Figura 2 – População ribeirinha no porto aguardando a chegada dos botes (Porto Nacional, início do século XX). Fonte: Acervo particular Milton Ayres.

¹⁸ BUARQUE, Manoel. **Tocantins e Araguaia**. Belém: Typographia da Imprensa Oficial do Estado, 1919, p. 9.

¹⁹ GALLAIS, Estevão. **O Apóstolo do Araguaia: Frei Gil missionário dominicano**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1942, p. 123.

A imagem acima mostra o ritual de chegada dos botes em Porto Nacional (TO), vindos da cidade de Belém (PA), após vários meses de viagem entre a ida e a volta. Esse dia era memorável tanto para os viajantes quanto para os moradores que esperavam no porto com toda pompa, ansiosos para assistir à chegada das embarcações e receber parentes e amigos. A espera era demorada porque os tripulantes, com o barco atracado do outro lado do rio, se preparavam para o grande momento, tomando banho, se barbeando e colocando as suas melhores roupas. O encontro acontecia com muita algazarra, fogos de artifício e com a indispensável presença da bandeira do Divino Espírito Santo.

O romancista goiano, Eli Brasiense, nascido nas margens do rio Tocantins afirma em seu livro *Rio Turuna* que,

O homem da margem do Tocantins havia de ser de aço [...]. Era preciso desafiar o rio, montar-lhe no lombo e amansá-lo, como se domava um potro chucro. Do contrário seria desmoralizado e jogado para os gerais, onde permaneceria sempre como um extraviado, um cisco atirado pelas enchentes.²⁰

Embora a descrição acima esteja em um romance, não deixa de representar de modo bastante real o cotidiano dos moradores das margens desse rio. Os diversos documentos mostram que o dia a dia dos ribeirinhos era árduo e que era necessária muita coragem, determinação, conhecimento e interação homem natureza na lida diária com o rio. Buarque descreve com detalhes a técnica utilizada pela tripulação na navegação, que “... além de gancho e forquilha usavam os tripulantes de varas, e às vezes, com as próprias mãos segurando as árvores, faziam o bote seguir avante. É tudo isso feito à luz meridiana do século XX”.²¹ Ele conclui que o navegante desses rios não podia precisar o tempo em que chegaria ao destino, pois nestas viagens, o homem estava por completo nas mãos da Providência.

Pelo rico acervo sobre esse *tempo das cachoeiras* é possível conhecer melhor o rio Tocantins e o cotidiano dos moradores de suas margens até a primeira metade do século XX. Por meio de documentos mais recentes, é possível perceber, a partir de outros olhares, as transformações que vêm se processando no leito dos rios e em suas

²⁰ BRASILIENSE, Eli. **Rio Turuna**. Goiânia: UFG, 1964.

²¹ BUARQUE, Manoel. **Tocantins e Araguaia**. Belém: Typographia da Imprensa Oficial do Estado, 1919, p.15-16.

margens, o que tem afetado intensamente a vida das populações ribeirinhas e do meio ambiente.

POR UMA HISTÓRIA AMBIENTAL DO TOCANTINS

Um rio quando barragem tem a espinha quebrada/vira um rio paralítico feito um animal vivo/que morreu só a metade: a outra metade viva pulsando/solta, como veia aberta à foice...²²

O aproveitamento dos rios para gerar energia elétrica não é uma iniciativa recente, mas a construção de barragens para esse fim, por motivos ambientais, tem provocado mais polêmica nas últimas décadas. Os estudos mostram que a construção de barragens causa impactos não só no espaço físico dos leitos e margens dos rios, mas que esses impactos são sentidos também no patrimônio cultural das cidades, nas atividades ligadas ao turismo, na fragmentação das identidades das populações ribeirinhas, e principalmente no meio ambiente. Entretanto, é possível constatar que nas últimas décadas tem aumentado o interesse social pela preservação do meio ambiente, e é fato também que a legislação brasileira e as recomendações internacionais vêm demonstrando essa preocupação. No Brasil, a institucionalização da Lei nº 6.938/81 que dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente e o artigo 225 da Constituição Federal de 1988 que estabelece os princípios do desenvolvimento sustentável, representaram, sem dúvida, significativos avanços.

De acordo com Pádua (2010), A história ambiental é atualmente um campo de pesquisa vasto e diversificado, com milhares de pesquisadores investigando diferentes aspectos relacionados à interação dos sistemas sociais com os sistemas naturais. É nesse sentido que o rio Tocantins é visto, relacionando a historicidade do espaço natural em interação com o ser humano, de modo a compreender a dinâmica dessa relação em seus múltiplos aspectos, pois “[...] o desafio analítico é o de superar as divisões rígidas e dualistas entre natureza e sociedade, em favor de uma leitura dinâmica e integrativa, fundada na observação do mundo que se constrói no rio do tempo”.²³

²² TIERRA, Pedro. **O Porto Submerso**. Brasília: s.e., 2005.

²³ PÁDUA, José Augusto. As Bases Teóricas da História Ambiental. In: **Estudos Avançados**. Vol. 24, n. 68. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da USP, 2010, p. 15.

Por outro lado, o historiador Gilmar Arruda, em seu estudo sobre o rio Tibagi (PR), constata que

No tempo histórico, ao qual se dedica a história, a ciência dos humanos no tempo, existe um espaço no qual se insere o ambiente dos rios. O lugar dos rios, da natureza, na história é definido pelas relações que os grupos humanos (as sociedades) estabelecem com o meio ambiente.²⁴

Assim, é possível perceber a mentalidade e ações humanas diante da natureza do rio Tocantins. As corredeiras e cachoeiras, por exemplo, são vistas como possibilidades de seu aproveitamento para a geração de energia por meio da construção de barragens. Os projetos de construção de barragens para fins energéticos neste rio têm se multiplicado, podendo destacar vários projetos e sete hidrelétricas já em funcionamento: Usina Hidrelétrica de Tucuruí (PA), Usina Hidrelétrica Luis Eduardo Magalhães (TO), Usina Hidrelétrica Cana Brava (GO), Usina Hidrelétrica Serra da Mesa (GO), Usina Hidrelétrica São Salvador (TO), Usina Hidrelétrica Peixe-Angical (TO) e Usina Hidrelétrica do Estreito (TO/MA).

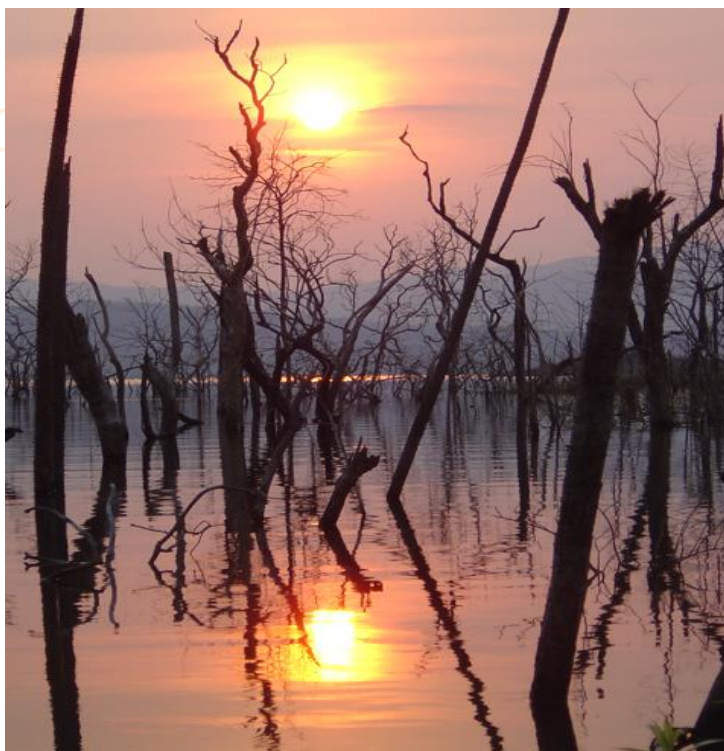


Figura 3. Rio *Afogado* - Tocantins após construção de barragem. Fonte: Acervo particular da autora

²⁴ ARRUDA, Gilmar. Descendo o rio: alguns apontamentos para uma história ambiental do rio Tibagi – PR. In: Franco, J. L. de A. et al (Org.). **História Ambiental: fronteiras, recursos naturais e conservação da natureza**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p. 204.

Além dessas hidrelétricas, há outras em construção ou planejadas. Com estes investimentos para a geração de energia, o rio Tocantins tem se transformado em um grande lago. Por um lado, pode-se dizer que os sonhos dos ribeirinhos de ontem (do tempo das cachoeiras) de aproveitar o rio para a navegação, estão se tornando realidade, ou seja, os obstáculos mais terríveis para a navegação, as cachoeiras, estão sendo removidos, mas com outros objetivos além da melhoria das condições de transportes. Se no século XIX e primeira metade do XX a remoção destas cachoeiras significava franquear a navegação e facilitar o intercâmbio comercial e cultural dos ribeirinhos principalmente com o centro comercial de Belém no Estado do Pará, atualmente outros elementos estão em jogo, pois há diferentes meios de comunicação concorrendo com a navegação fluvial. Se até metade do século XX, o rio era o meio de transporte por excelência, com a abertura da principal estrada na região, a rodovia Belém-Brasília²⁵, houve uma mudança significativa na logística dos transportes, retirando do rio esta primazia e transferindo-a para o transporte rodoviário, fato que representa um marco histórico para a região. Atualmente concorrem também com este meio de transporte (a navegação), as estradas de ferro Norte-Sul e a Estrada de Ferro Carajás.

Nesse sentido, as políticas voltadas para a exploração do rio Tocantins na atualidade não são, como no século XIX e parte do XX, exclusivamente para a navegação e ocupação de suas margens. Hoje, as políticas e projetos para esse rio são pensados e efetivados levando em consideração seu aproveitamento como meio de transporte, preferencialmente para escoar a produção de grãos, no entanto a tônica principal é a produção de energia hidrelétrica. Portanto, a questão que se coloca é a de como conciliar as exigências que o desenvolvimento impõe – principalmente demanda de energia - com a preservação ambiental neste espaço geográfico e simbólico que é o rio Tocantins?

²⁵ Com a construção de rodovias, ocorreram muitas mudanças na região, pois o rio deixou de ser o mais importante meio de transporte, principalmente com a construção da rodovia Belém-Brasília e suas ramificações na década de 1960.



Figura 4: Milhares de peixes mortos na represa da usina hidrelétrica do Lajeado (TO).Fonte: <http://img.youtube.com/vi/ZEX1XJuSqvs/0.jpg>

A imagem acima reflete uma das consequências resultantes do alagamento de grandes áreas para a construção de barragens com a finalidade de produção de energia. Cenas como esta são comuns junto às áreas das diversas usinas construídas no curso do rio Tocantins. Além da mortalidade de peixes e outros seres que têm seu habitat na água desses rios, podemos destacar o deslocamento dos moradores ribeirinhos que dependiam do rio para sobreviverem. Estes moradores, geralmente são deslocados das margens dos rios e transferidos para casas de alvenaria, sem ao menos um quintal e vegetação ao redor. Desse modo, seu cotidiano é modificado radicalmente causando sérios problemas à sua saúde mental e física.

As preocupações com os aspectos negativos das ações dos homens sobre a natureza são de longa data, podendo ser observadas desde o século XVIII, por exemplo, nas obras de grandes pensadores como Rousseau e David Ricardo, e no século XIX, com o pensamento do economista britânico Jonh Stuart Mill, que já acreditava e defendia a possibilidade de um desenvolvimento que respeitasse o meio ambiente e a biodiversidade. A partir do século XX, em um longo processo, as preocupações e mudanças na legislação sobre o meio ambiente têm recebido maior ênfase, podendo

destacar, a realização da Eco 92 no Rio de Janeiro, na qual se discutiu a conflituosa relação entre desenvolvimento sócio econômico e preservação do meio ambiente.

Assim, embora pareça inquestionável a necessidade do represamento das águas dos rios para atender as diversas demandas da população e das indústrias como a geração de energia, abastecimento, irrigação e navegação, seus efeitos negativos, como por exemplo, a inundação de grandes áreas que afetam o meio ambiente e as populações diretamente atingidas, devem ser questionados e avaliados. Essas preocupações, relativamente recentes, se tornaram mais eminentes a partir da década de 1970 em decorrência dos impactos socioambientais advindos principalmente dos empreendimentos hidrelétricos. Vale lembrar, porém, que esse período é também o de surgimento de instrumentos legais voltados para a defesa sistemática do meio ambiente. A construção de barragens traz sérios impactos não só para o ambiente natural, mas principalmente para as populações ribeirinhas diretamente afetadas.

Apesar de uma relativa evolução na regulamentação ambiental, pode-se afirmar que na prática sua repercussão ainda não alcançou o objetivo desejado, pois para uma grande maioria, a observação das exigências ambientais ainda é vista como entrave ao desenvolvimento econômico. Mas os avanços tecnológicos resultantes de pesquisas na área da produção energética têm mostrado as muitas possibilidades de superação desse tipo de investimento _ construção de hidrelétricas _ por outros métodos mais *limpos* e menos prejudiciais ao meio ambiente, como por exemplo, a energia solar e a eólica. Os gastos com vistas a esta substituição ainda são altos, mas a sua superação gradativa pode proporcionar importantes resultados para a preservação do meio ambiente e para os povos ribeirinhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma observação mais atenta no vale do rio Tocantins evidencia que as transformações socioeconômicas e ambientais ocorridas ao longo do tempo foram muito grandes. O transporte fluvial, uma das antigas tradições do Tocantins que antes tinha nas cachoeiras seu principal empecilho, hoje se encontra prejudicado também pelo assoreamento de trechos do rio, de seus afluentes e igarapés. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que a viabilização da hidrovia com a construção de eclusas e o derrocamento de obstáculos naturais representa a realização de antigos sonhos e esperanças dos

ribeirinhos da época em que o rio se constituía um caminho natural para viajantes e suas mercadorias, também representa a perda de um patrimônio cultural ambiental. Quanto aos setores ligados ao chamado *agrobusiness*, que enxergam nesse modal a possibilidade do incremento do transporte de grãos e o resultante barateamento dos custos das exportações destas *commodities*, esse progresso, mesmo à custa da devastação do meio ambiente, é o que importa.

Por outro lado, a expansão das fronteiras agrícolas, as intervenções estatais na região, têm provocado preocupações entre as populações ribeirinhas atingidas direta ou indiretamente por tais processos de modernização. Segundo depoimentos de antigos moradores ribeirinhos, diversos rios e igarapés foram como que encolhendo devido a queimadas e desmatamentos, que exauriram os solos, desagregando-os e tornando-os mais vulneráveis ao impacto pluvial. Esse processo agrava-se com a redução dos recursos hídricos na medida em que a retirada da vegetação inibe o armazenamento as águas subterrâneas e posterior retransmissão aos cursos d'água.

Apesar dos avanços da legislação anteriormente citados, as preocupações e ações nesse sentido precisam continuar. Há que se admitir que não se trate apenas de uma questão de lei, mais que isso, é necessário que haja conscientização e maior democratização das informações através de ações educativas. Um maior envolvimento de novos atores que se preocupem com a preservação é que poderá exigir do poder público, a garantia de que a legislação voltada para a proteção seja cumprida na íntegra. As contradições ao se tentar conciliar o desenvolvimento econômico e a preservação ambiental, tornam-se visíveis quando se analisa por um lado os relatórios técnicos, a propaganda em favor do progresso e da economia, e por outro lado, os protestos das populações diretamente envolvidas como, por exemplo, o Movimento dos Atingidos pelas Barragens (MAB) e a opinião dos ambientalistas e entidades preocupadas com a devastação ambiental.

Portanto, a efetivação de sérios estudos antes de se intervir na natureza por meio de grandes projetos deve ser considerada, pois geralmente eles são provocadores de deslocamentos de comunidades locais com prejuízo de seu patrimônio cultural, de vidas, e muitas vezes, causadores de problemas irreversíveis para a natureza.

O brigadeiro Lysias Rodrigues, em seu livro *O Rio dos Tocantins*, afirma que “Os rios, como seres humanos, têm um ciclo de vida e conseqüentemente uma história. Mesquinha ou grandiosa, simples ou complexa, curta ou longa, essa história é sempre

interessante”.²⁶ Partindo desse pensamento, investigar a história dos rios na perspectiva da história ambiental é buscar uma possibilidade interdisciplinar que possa contribuir para ir além do conhecimento de seus aspectos naturais. É necessário analisar esses aspectos entrelaçados com a história da ocupação de suas margens, levando em consideração as atividades econômicas, sociais e de lazer que se desenvolveram e se desenvolvem cotidianamente nesse espaço geográfico, que é também um lugar de memória. Nessa busca, acreditamos que o mais importante é entender como as sociedades humanas relacionam-se com os rios e atentar para a questão sobre o que pode ser mudado nessa relação, deixando, como sugere o estudioso Leandro Tocantins, que o rio comande a vida.

**RECEBIDO EM: 08/09/2016**

PARECER DADO EM: 14/12/2016

²⁶ RODRIGUES, L. A. **O Rio dos Tocantins**. 2. ed. Palmas: Ed. Alexandre Acampora, 2001, p. 13.